



Comportamento sexual entre acadêmicos de uma universidade pública

Sexual behavior among students of a public university

Sílvia Noeli Ramos de Melo Firmeza¹, Karla Jéssik Silva de Sousa Fernandes¹, Elanne Nunes dos Santos¹, Wylania Jéssica Gomes de Araújo¹, Ellaine Santana de Oliveira¹, Ana Roberta Vilarouca da Silva¹

Objetivo: analisar o comportamento sexual entre acadêmicos segundo o sexo. **Métodos:** estudo analítico com 154 acadêmicos, realizado por meio de um formulário contendo questões socioeconômicas e sobre sexualidade. **Resultados:** a maioria era do sexo feminino, com idades entre 18 e 30 anos, e vida sexual iniciada antes dos 18 anos de idade. participantes referiram encontrar informações necessárias sobre sexualidade principalmente em conversas com os amigos e na *internet*, e consideraram possuir conhecimento satisfatório. **Conclusão:** os estudantes apresentam vulnerabilidades, como início prematuro das práticas sexuais e barreira no diálogo com familiares.

Descritores: Sexualidade; Conhecimento; Estudantes.

Objective: to analyze the sexual behavior among students and their relation to sex. **Methods:** an analytical study with 154 students accomplished through a form containing socioeconomic and sexuality issues. **Results:** most of the participants were female, aged between 18 and 30 years old, and initiated sexual life before 18 years old. Participants reported finding necessary information about sexuality especially in conversations with friends and on the internet and found to have satisfactory knowledge. **Conclusion:** the student's present vulnerabilities, such as early onset of sexual practices and barrier with the family dialogue.

Descriptors: Sexuality; Knowledge; Students.

¹Universidade Federal do Piauí. Picos, PI, Brasil.

Autor correspondente: Ana Roberta Vilarouca da Silva
Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Enfermagem. Rua Cícero Duarte, 905, Junco CEP: 64600-000. Picos, PI, Brasil. E-mail: robertavilarouca@yahoo.com.br

Introdução

Os adultos jovens, ou seja, aqueles entre 15 e 30 anos de idade, vivenciam uma fase de vida caracterizada pelo fim da adolescência e início da vida adulta, com todas suas transformações biológicas e psicossociais, período que geralmente coincide com o ingresso na universidade⁽¹⁾.

Associada às características dessa fase de vida, a transição para o Ensino Superior acarreta uma série de mudanças e adaptações na vida do jovem, em decorrência das novas relações sociais e subjetivas que deve vivenciar, o que torna este período vulnerável a situações de exposição a fatores de risco à saúde, com destaque para aqueles relacionados ao estilo de vida, como o uso de substâncias tóxicas e práticas sexuais desprotegidas⁽²⁻⁵⁾.

Ingressar no ambiente universitário tem sido relatado como um fator propulsor para a expressão da sexualidade, já que os jovens, além de estarem expostos a novas experiências, como uso de bebidas alcoólicas e outras drogas, vivenciam inúmeras influências e demonstram-se abertos a novas situações, anteriormente proibidas ou dificultadas pela proximidade familiar. Os acadêmicos ingressantes mostram-se como mais vulneráveis diante da escolha de práticas sexuais mais seguras, em decorrência de não terem contato com o tema na formação acadêmica, não terem adquirido conhecimentos específicos, nem vivenciado situações assistenciais de promoção e prevenção relacionadas ao tema^(3,6-7).

A partir da compreensão de que os hábitos sexuais perdem ao longo de toda a existência, destaca-se a importância do comportamento seguro e da informação formal sobre sexualidade, como prevenção da gravidez precoce e de infecções sexualmente transmissíveis, tendo em vista que tal entendimento pode contribuir para criação de ações específicas nas instituições de educação superior⁽⁸⁻¹⁰⁾.

Verifica-se a necessidade do reconhecimento do comportamento sexual dos acadêmicos, de modo a

fornecer subsídios para redução de vulnerabilidades e exposição ao risco nas práticas sexuais, no ambiente acadêmico. Dessa maneira, o presente estudo teve como objetivo analisar o comportamento sexual entre acadêmicos e sua relação com o sexo.

Métodos

Trata-se de estudo do tipo analítico, realizado em uma universidade pública localizada no município de Picos-PI, Brasil, cuja população constituía-se de 450 universitários de ambos os sexos, devidamente matriculados nos cursos de graduação em História, Administração, Letras, Pedagogia, Enfermagem, Nutrição, Administração, Sistemas de Informação e Matemática.

A amostra foi composta por 154 acadêmicos estratificados pelos cursos citados, sendo incluídos indivíduos com 18 anos ou mais, regularmente matriculados na instituição no primeiro período de curso.

Os dados foram coletados após abordagem dos alunos em sala de aula e consentimento na participação, nos meses de outubro e novembro de 2014, por meio de um formulário semiestruturado, que abordou os seguintes tópicos: dados socioeconômicos, relação sexual, sexualidade, conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos.

Sobre as variáveis socioeconômicas avaliadas, foram verificadas idade, cor, situação laboral, renda familiar, classe econômica, além de aspectos de moradia e religião. Com relação à sexualidade e ao conhecimento dela, questionou-se: o que o jovem considera como sexualidade, com quem esclarece as dúvidas sobre relação sexual, se já teve relação sexual, qual a idade da primeira relação sexual, qual o número de parceiros, qual o conhecimento sobre métodos contraceptivos, se já fez uso de contraceptivos e quais, e qual o conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, tratamento e prevenção.

Para processamento e análise dos dados, foi

utilizado o software *Statistical Package for the Social Sciences*; para verificar associação entre as variáveis, foi aplicado o teste qui quadrado de Pearson com significância de 5,0%.

O estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Resultados

Do total de 154 participantes, a amostra apresentou prevalência do sexo feminino (60,4%), na faixa etária de 18 aos 30 anos (89,0%), com média e desvio padrão de 21,5±5,52, e da cor parda (48,0%). A maioria era descendente de pais que estudaram do primeiro ao quarto ano (35,0%). Em relação às classes econômicas, 51,3% estavam nas classes C1 e C2, com média de renda de R\$1.273,8±1.259,77; 80,0% concluíram o Ensino Médio em escolas públicas; 42,2% ainda moravam com os pais; e 66,9% eram da religião católica.

No que diz respeito ao comportamento sexual, 73,4% relataram já terem tido relação sexual e 66,2% iniciaram a prática com menos de 18 anos; 62,28% com parceiros fixos; 87,01% indicaram variação de zero a três parceiros nos seis meses anteriores.

Pouco mais da metade da amostra (51,3%) considerou a sexualidade além do ato sexual e 42,3% buscaram informações sobre sexo com os amigos.

Em relação às infecções sexualmente transmissíveis, 64,1% relataram fazer uso do preservativo como forma de prevenção e 84,4% consideraram os corrimentos genitais anormais. Quando indagados sobre o tratamento de alguma doença que tivesse sido transmitida sexualmente, 91,7% relataram nunca terem realizado tratamento. Dos 8,3% estudantes que afirmaram ter realizado terapêutica, 4,8% trataram candidíase, sendo as doenças HIV, sífilis, herpes, cancro mole e clamídia tratadas por apenas um estudante cada (Tabela 1).

Tabela 1 - Comportamento sexual e conhecimento dos acadêmicos ingressantes sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (n=154)

Variáveis	n (%)
Conhecimento sobre contraceptivos	
Sim	126 (81,8)
Insuficiente	23 (15,0)
Não	5 (3,2)
Uso de contraceptivo*	
Camisinha	88 (50,9)
Dispositivo Intrauterino	11 (6,4)
Pílula anticoncepcional	38 (21,9)
Pílula do dia seguinte	22(12,7)
Diafragma	2 (1,2)
Tabelinha	12 (6,9)
Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis	
Sim	136 (88,3)
Não	18 (11,7)
Considera normal corrimento vaginal/pênis	
Sim	24 (15,6)
Não	130 (84,4)
O que faz para prevenir doenças sexualmente transmissíveis*	
Usa preservativo	98 (64,1)
Não compartilha perfurocortante	20 (13,0)
Faz exame preventivo	18 (11,8)
Procura atendimento de saúde	17 (11,1)

*Perguntas de múltipla escolha

Em relação ao conhecimento sobre anticoncepção, houve alta prevalência de estudantes que consideraram seus conhecimentos satisfatórios (81,8%), com destaque para a utilização da camisinha como método contraceptivo (50,9%).

Ao relacionar sexualidade com a variável sexo, houve associação estatisticamente significativa com a obtenção de informações sobre sexo, idade de início da prática sexual e número de parceiros nos últimos seis meses. A idade de início de prática sexual variou entre os menores de 18 anos, com destaque para o sexo masculino (85,2%), e com relação à quantidade de parceiros, sendo mais frequente o número de zero a três entre as mulheres (94,6%), p<0,05 (Tabela 2).

Tabela 2 - Dados sobre sexualidade e sua associação com o sexo (n=154)

Variáveis	Sexo		Valor de p*
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
Conceito			0,277
Ato sexual	43 (46,2)	32 (52,4)	
Cuidado com corpo e mente	50 (53,8)	29 (47,6)	
Informações sobre sexo			0,001
Amigos/pais	62 (66,7)	24 (39,3)	
Profissional da saúde/escola/internet	31 (33,3)	37 (60,7)	
Teve relação sexual			0,037
Sim	63 (67,7)	50 (81,9)	
Não	30 (32,3)	11 (18,1)	
Idade da primeira relação sexual (anos)			0,000
<18	50 (53,7)	52 (85,2)	
≥18	11 (11,8)	1 (1,6)	
Não teve relação	32 (34,5)	8 (13,2)	
Número de parceiros nos últimos seis meses			0,005
0-3	88 (94,6)	46 (75,4)	
4-6	5 (5,4)	12 (19,6)	
7-9	-	1 (1,8)	
>9	-	2 (3,2)	

*Teste qui quadrado

No que diz respeito à relação entre a variável sexo e os métodos contraceptivos que acreditavam ser mais eficazes, observou-se associação significativa entre a utilização da camisinha e o sexo masculino (78,6%), $p < 0,05$ (Tabela 3).

Tabela 3 - Dados sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e sua associação com o sexo (n=154)

Variáveis	Sexo		Valor de p*
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
Camisinha			0,000
Sim	40 (43,0)	48 (78,6)	
Não	53 (57,0)	13 (21,4)	
Dispositivo intrauterino			0,456
Sim	6 (6,4)	5 (8,1)	
Não	87 (93,6)	56 (91,9)	
Pílula anticoncepcional			0,000
Sim	35 (37,6)	3 (5,0)	
Não	58 (62,4)	58 (95,0)	
Pílula do dia seguinte			0,620
Sim	17 (18,2)	05 (8,1)	
Não	76 (81,8)	56 (91,9)	
Diafragma			0,637
Sim	1 (1,1)	1 (2,0)	
Não	92 (98,9)	60 (98,0)	
Tabelinha			0,554
Sim	7 (7,6)	5 (8,1)	
Não	86 (92,4)	56 (91,9)	

*Teste qui quadrado

Discussão

Esta pesquisa possibilitou traçar o perfil da amostra: a maioria dos indivíduos era do sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos, autorreferiu cor parda, morar com os pais e não trabalhar, e pertencia às classes sociais C1 ou C2. Tais achados corroboram a última pesquisa sobre perfil socioeconômico de alunos das universidades federais brasileiras da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior segundo a qual a maioria dos universitários brasileiros são mulheres jovens, moram com os pais e, especificamente na Região Nordeste do Brasil mais da metade dos alunos pertence às classes C, D e E⁽¹¹⁾.

A entrada na universidade tem sido considerada fator impulsionante para a expressão da sexualidade, caracterizada como um período de questionamentos sobre valores, crenças e autonomia, além do estabelecimento de limites na influência parental, favorecendo o vivenciamento de inúmeras influências e a abertura a novas experiências⁽⁶⁾, e justificando alguns achados quanto ao comportamento sexual e o conhecimento sobre sexualidade, com destaque para a iniciação sexual precoce e o fato de os amigos serem os principais referidos, quando questionados sobre o acesso à informações sobre sexualidade.

Dos 154 participantes da pesquisa, 73,4% já tinham iniciado a vida sexual, sendo que, entre 66,2%, o início se deu antes de 18 anos – em geral antes do ingresso na universidade, com destaque para o sexo masculino, fato verificado e explicado a partir da cultura ainda estabelecida de que os homens têm a iniciação sexual exigida como uma etapa simbólica de passagem à vida adulta e comprovação de masculinidade, enquanto as mulheres ainda são pressionadas à abstinência antes do matrimônio^(8,12).

Existe um padrão nacional e internacional preocupante em relação ao comportamento sexual com iniciação precoce, quadro de importância em saúde pública já que hábitos inadequados adquiridos na adolescência e na juventude tendem a perdurar ao

longo da vida⁽¹³⁻¹⁴⁾. Um início sexual precoce acarreta, entre outros fatores, maior número de parceiros ao longo da vida, o que pode favorecer chances maiores de doenças sexuais, comportamento antissocial e gestações indesejadas⁽¹⁵⁾.

O acesso a informações por meio dos amigos e da *internet* foi prevalente na amostra. A falta de acesso a informações ou a obtenção a informações equivocadas, como as advindas de amigos também mal informados ou de fontes inseguras, associados a frágeis ações governamentais sobre saúde sexual e reprodutiva, além do despreparo das famílias, dos profissionais de saúde e outros que tenham contato e influência junto deste jovem, podem contribuir para a prática sexual insegura, sem amadurecimento psicoafetivo e responsabilidades, impondo extremas vulnerabilidades e riscos aos jovens⁽¹⁶⁻¹⁷⁾.

No que tange aos comportamentos sexuais relativos à anticoncepção, verificou-se como contraceptivos mais utilizados a camisinha, seguida do anticoncepcional oral e, para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, foi o uso do preservativo, com porcentual maior entre os homens, dado corroborado por outras pesquisas⁽¹⁸⁻¹⁹⁾. Apesar da adesão aos métodos contraceptivos e da prevenção de doenças transmitidas sexualmente, verificou-se um risco pelo uso descontinuado do método; os jovens justificam incursos desprotegidos em decorrência da imprevisibilidade das relações sexuais, da interferência desse método na obtenção do prazer durante o ato sexual ou da existência de confiança no parceiro^(8,17).

Com base nestes achados, a partir do reconhecimento do comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes e em consonância com a literatura atual sobre essa temática, verifica-se a necessidade de reforçar as políticas educacionais, inclusive no âmbito universitário da sexualidade, no intuito de melhorar a orientação dos jovens quanto às práticas sexuais saudáveis⁽¹⁹⁾.

Conclusão

A maioria dos acadêmicos do estudo já tinha iniciado a vida sexual antes dos 18 anos, principalmente os homens. Houve variação de zero a três parceiros nos últimos três meses. Pouco mais da metade considerava a sexualidade além do ato sexual, e quase a metade buscava informações sobre sexo com os amigos. O uso do preservativo foi prevalente na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. No que diz respeito à relação entre a variável sexo e os métodos contraceptivos, observou-se associação significativa da utilização da camisinha pelo sexo masculino.

A universidade destaca-se como local de longa permanência do jovem, favorável à construção e à reconstrução de saberes e valores; porém, em decorrência da pluralidade de grupos que a compõe, ela favorece, muitas vezes, a vulnerabilidade do estudante a estilos de vida de risco à saúde, como uso de álcool e outras drogas, práticas inseguras no trânsito e práticas sexuais de risco, dentre outras. Assim, além de possível, é extremamente relevante a construção de ambientes favoráveis dentro do espaço universitário para discussão de temas que interferem diretamente em sua saúde, com destaque para a sexualidade como forma de instrumentalizar o estudante, a fim de que este, conhecendo melhor as consequências de suas escolhas e possuindo ferramentas para a vivência de uma sexualidade saudável, possa reduzir sua exposição às infecções sexualmente transmissíveis, à gravidez indesejável e a outros fatores de risco.

Colaborações

Firmeza SNRM e Fernandes KJSS participaram da concepção do projeto, análise e interpretação dos dados. Santos EN, Araújo WJG e Oliveira ESO contribuíram na redação do artigo ou revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Silva AR participou da concepção do projeto, análise e interpretação dos dados e aprovação final da versão a ser publicada.

Referências

1. Arriagada EMB, Bertoni JS. Una revisión de los estilos de vida de estudiantes universitarios Iberoamericanos. *Cienc Enferm.* 2014; 20(2):93-101.
2. Mendes F, Lopes MJ. Health vulnerabilities: the diagnosis of freshmen from a Portuguese university. *Texto Contexto Enferm.* 2014; 23(1):74-82.
3. Moreira MR, Santos JF. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. *Esc Anna Nery.* 2011; 15(3):558-66.
4. Ramis TR, Mielke GV, Habeyche EC, Oliz MM, Azevedo MR, Hallal PC. Tabagismo e consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados. *Rev Bras Epidemiol.* 2012; 15(2):376-85.
5. Sousa TF, José HP, Barbosa AR. Conduas negativas à saúde em estudantes universitários brasileiros. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2013; 18(12):3563-75.
6. Borges MR, Silveira RE, Santos AS, Lippi UG. Comportamento sexual de ingressantes universitários. *Rev Pesq Cuid Fundam Online [periódico da Internet].* 2015 [citado 2016 mai. 27]; 7(2):2505-15. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3676/pdf_1588
7. Dessunti EM, Reis AO. Vulnerabilidade às DST/AIDS entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. *Cienc Cuid Saúde.* 2012; 11(5):274-83.
8. Hugo TD, Maier VT, Jansen K, Rodrigues CE, Cruzeiro AL, Ores LC, et al. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. *Cad Saúde Pública.* 2011; 27(11):2207-14.
9. Rebello LE, Gomes R. Qual é a sua atitude?: Narrativas de homens jovens universitários sobre os cuidados preventivos com a AIDS. *Soc Saúde.* 2012; 21(4):916-92.
10. Nardelli GG, Gaudenci EM, Garcia BB, Carleto CT, Gontijo LM, Pedrosa LA. Perfil dos alunos ingressantes dos cursos da área da saúde de uma universidade federal. *Rev Enferm Atenção Saúde.* 2013; 2(1):3-12.
11. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras [Internet]. 2011 [citado 2016 mai. 27]. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf
12. Gomes CM. Vivência em grupo: sexualidade, gênero, adolescência e espaço escolar. *Rev APS.* 2013; 16(1):103-11.
13. Nau AL, Santa SB, Heidemann IT, Moura MG, Castillo L. Sexual education for adolescents in freire's perspective through culture circles. *Rev Rene.* 2013; 14(5):886-93.
14. Sasaki RA, Leles CR, Malta DC, Sardinha LM, Freire MC. Prevalência da relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2015; 20(1):95-104.
15. Boislard PMA, Poulin F. Individual, familial, friends-related and contextual predictors of early sexual intercourse. *J Adolesc.* 2011; 34(2):289-300.
16. Aquino OS, Brito FE. Perfil sexual de adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem. *Rev Min Enferm.* 2012; 16(3):324-9.
17. Panobianco MS, Lima AD, Oliveira IS, Gozzo TO. Knowledge concerning HPV among adolescent undergraduate nursing students. *Texto Contexto Enferm.* 2013; 22(1):201-7.
18. Janeiro JM, Oliveira IM, Rodrigues MH, Maceiras MJ, Rocha GM. Sexual and contraceptives attitudes, the locus of health control and self-esteem among higher education students. *Rev Bras Promoç Saúde.* 2013; 26(4):505-12.
19. Silva LP, Camargo FC, Iwamoto HH. Comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes em cursos da área da saúde de uma universidade pública. *Rev Enferm Atenção Saúde.* 2014; 3(1):39-52.